

# Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

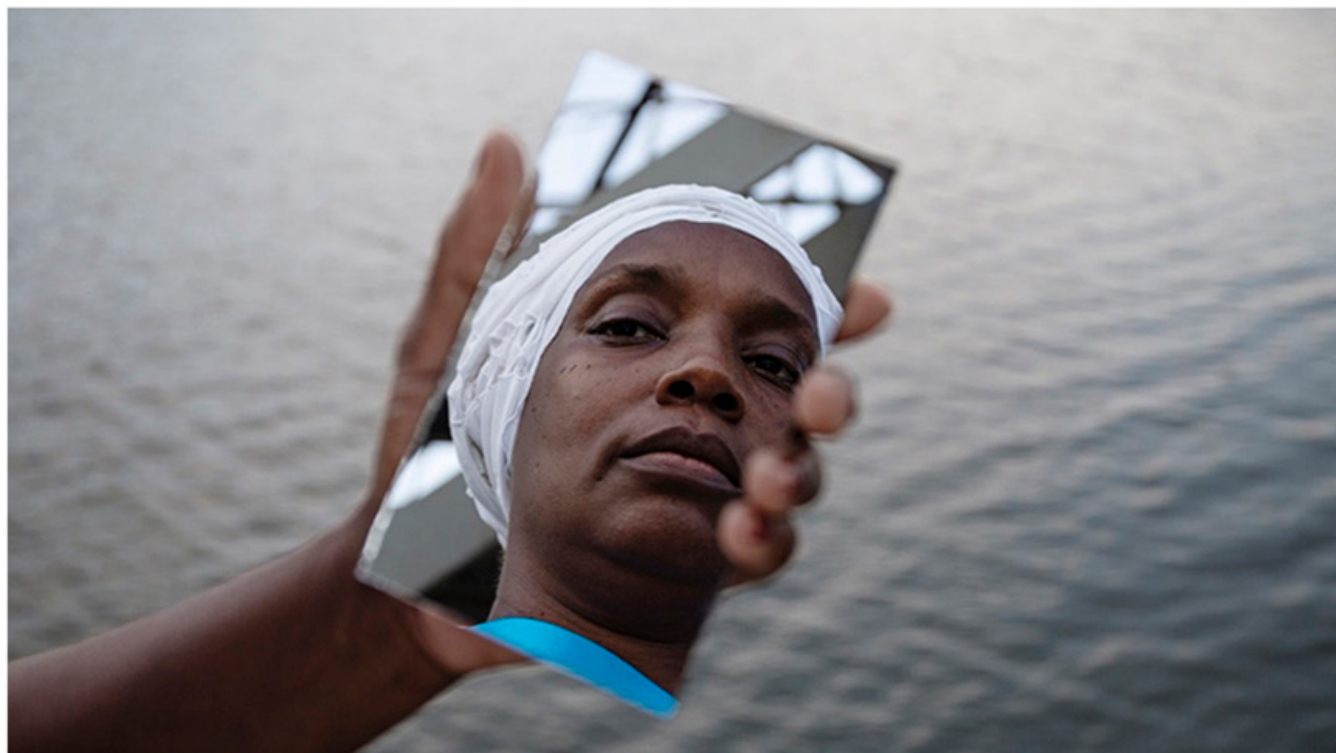


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

## Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte  
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



# Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

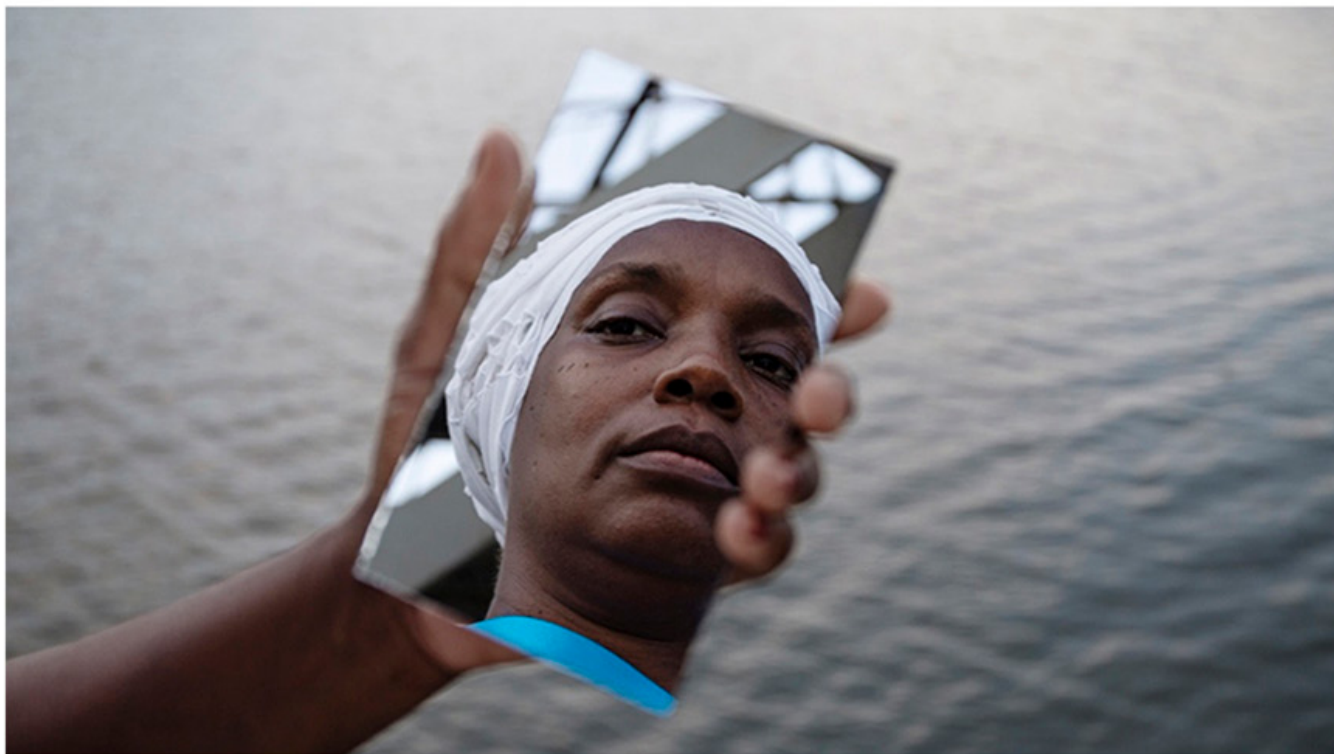


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

## Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte  
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Organização



Apoio



## **42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)**

**PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memorian*)** – Walter Zanini

### **DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)**

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)  
Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)  
Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)  
Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

### **DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)**

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)  
Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL/CBHA)  
Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)  
Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022**

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)  
Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)  
Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)  
Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)  
Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)  
Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)  
Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)  
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)  
Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

### **COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022**

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)  
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)  
Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)  
Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)  
Rita Lages (UFMG/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022**

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)  
Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)  
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)  
Paula Ramos (UFRGS/CBHA)  
Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA**

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)  
Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)  
Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)  
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

**IMAGEM:** Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

**DIAGRAMAÇÃO:** Thaís Franco

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail: [cbha.secretaria@gmail.com](mailto:cbha.secretaria@gmail.com)

# MACRS: Uma experiência de visibilidade da coleção

Maria Amelia Bulhões, Professora Titular do Departamento de Artes Visuais da UFRGS

ORCID 59839730

mariameliabu@gmail.com

## Resumo

O MACRS foi criado em 1990, inserindo-se em um contexto de esforços para implantação da arte contemporânea no Rio Grande do Sul. Apresento aqui o desenvolvimento da mostra de lançamento de seu Catálogo de Obras, realizada em 2021. Publicado de forma impressa e online, ele foi base da exposição Arte Contemporânea RS, que teve por objetivo dar visibilidade ao acervo, destacando aspectos de sua constituição. Em decorrência de uma política pluralista e inclusiva, a coleção é dominada pela diversidade, um perfil que mostra-se ao mesmo tempo problemático e rico. Nesta comunicação apresento e discuto a estrutura da exposição, organizada em quatro grandes grupos, destinados a dar uma ideia de momentos da arte contemporânea no RS e da presença do MAC nestes processos.

**Palavras-chave:** 1. acervo 2. MACRS 3. sistema da arte 4. arte no RS 5. arte contemporânea

## Abstract

MACRS was created in 1990, as part of a context of efforts to implement contemporary art in Rio Grande do Sul. I present here the development of the exhibition for the launch of his Catalog of Works, held in 2021. Published in print and online, it was the basis of the Arte Contemporânea RS exhibition, which aimed to give visibility to the collection, highlighting aspects of its constitution. As a result of a pluralist and inclusive policy, the collection is dominated by diversity, a profile that is both problematic and rich. In this communication I present and discuss the structure of the exhibition, organized into four large groups, intended to give an idea of moments of contemporary art in RS and the presence of MAC in these processes.

**Keywords:** 1. collection 2. MACRS 3. art system 4. art in RS 5. contemporary art

## Trabalhando com a diversidade

Todo museu tem como tarefa prioritária preservar e dar visibilidade ao seu acervo, criando referências simbólicas para sua comunidade; o Catálogo de obras do Museu de Arte Contemporânea RS responde a esta demanda da sociedade gaúcha. Acalentado há muito tempo, o projeto realizou-se no momento difícil que vivemos no mundo e em nosso país, decorrente do isolamento social, ensejado pelo controle do Covid19. Como toda moeda tem duas faces e a lei Aldir Blanc, criada para apoiar o setor cultural neste contexto, tornou possível esta realização. O catálogo tem versão trilingue, impresso e e-book, estando disponível no site criado especificamente para o projeto. A exposição que marca o seu lançamento, realizada nos espaços do MAC na Casa de Cultura Mario Quintana, está documentada com seu texto de apresentação, fotos das obras e vídeo, no mesmo site, na aba <https://acervomacrs.com/exposicao/>

Para realizar a curadoria da mostra Arte Contemporânea RS debruicei-me sobre um acervo com 1.821 obras de 919 artistas, no qual pode-se observar algumas tendências. Apesar da predominância de artistas ser masculina (471), há uma importante presença feminina (423), com uma quase total ausência de negros (11), indígenas (2) e transgêneros (3). Em relação às obras, há uma preponderância de algumas categorias artísticas, assim escalonadas: meios gráficos como fotografia (464) e gravura (422) são os mais destacados numericamente na coleção, seguidas pela pintura (236), o desenho (167) e a escultura (126). Ainda na classificação de tridimensional, além da escultura, temos os objetos (46) e as instalações (37). Dentro das categorias mais recentes, o vídeo está bastante representado (81), seguido pelo livro de artista (30), os documentos de performance (13) e a arte digital (14). A proporção dos trabalhos por sua data de realização é a seguinte: anos 1970/80, (213) anos 1990 e (258), anos 2000 (1.125), em que as duas primeiras décadas juntas contabilizam menos que a década seguinte, e, a partir do ano 2000, em duas décadas, a explosão numérica é impressionante. Esta proporção mostra como o acervo abriga, predominantemente, a produção mais recente e como esta se ampliou e se diversificou nos últimos anos. Em relação aos artistas, observa-se que é marcadamente originária do Rio Grande do Sul (463), mas que alguns outros estados se destacam, como São Paulo (112), Rio de Janeiro (27), Minas Gerais (22), Pará (14) e Santa Catarina (12), contando, ainda, com alguns estrangeiros (59). O grande número de artistas gaúchos deixa perceber que o Museu está voltado para preservar e dar visibilidade especialmente à produção local.

Trabalhei no limite tênue dos dois sentidos que construíram a coleção: o senso comum de que contemporânea é toda a arte deste tempo; o que se produz aqui e agora, uma mescla de estilos, valores e modelos que convivem no mundo globalizado, e a compreensão de um conceito mais específico de arte contemporânea que vários

autores se dedicam a estudar e definir. Nesta produção, todos os meios de expressão artística se equivalem e se articulam em complexa convivência, possibilitando que objetos oriundos de diferentes campos sejam integrados, por meio de inúmeras estratégias, ao circuito artístico. O resultado é um panorama muito diversificado, com obras difíceis de classificar, que se aproximam do banal, que substituem o resultado acabado pelos documentos do processo de trabalho e que adotam o hibridismo como proposta estética, estabelecendo novos paradigmas. Nesta rede, a criatividade vai tecendo suas tramas e se articulando às conjunturas do sistema de arte, que também se modifica continuamente. No delicado fio da pluralidade e da expansão, vamos escrevendo nossa história. Radical ou não, a diversidade da produção local é em si mesma um sintoma da contemporaneidade.

### **Uma história da arte local**

Para o desenvolvimento conceitual da mostra abordo essas práticas a partir de um contexto histórico no qual está inserida uma rede de relações, envolvendo artistas, críticos, galeristas e instituições constituindo um complexo sistema da arte<sup>1</sup>. Assim, foi feito um amplo levantamento das manifestações de arte contemporânea no Estado<sup>2</sup>, com vistas a fundamentar a estrutura da curadoria.

A partir deste estudo se observa que a entrada da arte contemporânea no Rio Grande do Sul deu-se de forma lenta e descontínua, iniciando na década de 1960, quando, por trás da hegemônica continuidade modernista, emergiram, ocasionalmente, algumas vozes preocupadas em atualizar-se com o que faziam nos grandes centros do País e do exterior. A Arte Pop e a Nova Figuração eram os movimentos que mais estimulavam a renovação que se processava. É interessante observar que ambos os movimentos preservavam as tendências figurativas, que sempre foram dominantes na produção local. No caso dos artistas gaúchos, não se tratava de um retorno à figuração, uma vez que essa nunca fora abandonada, mas sim uma nova forma de abordagem. Mesmo assim, em algumas oportunidades, abriu-se acirrado debate contra essas inovações.

Nos anos 1970, formaram-se grupos de artistas que buscavam abrir novas possibilidades de atuação, entre eles estavam os responsáveis pelo lançamento do periódico *Nervo Óptico*, cujo primeiro número apareceu em 1977. Esses artistas<sup>3</sup>, a maioria ligada ao

---

1 Tenho trabalhado sobre o sistema da arte desde 1983, e em 1990 desenvolvi este conceito em minha tese de doutorado, disponível em <https://www.ufrgs.br/artereflexoes/site/publicacoes/tese/> e em inúmeros outros textos.

2 Pesquisa realizada pela curadora, conjuntamente com Júlio Herbst, seu orientando de doutorado.

3 Fizeram parte deste grupo Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Dariano, Mara Álvares, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos.

Instituto de Artes da UFRGS, estavam interessados em um processo experimental de trabalho cuja receptividade era bastante difícil no meio local, considerando os escassos espaços e os padrões modernistas que aqui se impunham como dominantes. O grupo publicou treze números de seu periódico (com uma tiragem de 3 mil exemplares cada), distribuídos gratuitamente para críticos e artistas locais, de outros estados e mesmo de outros países.

Uma grande mobilização se deu na década seguinte, na esteira de um movimento denominado Geração 80, no qual jovens artistas experimentaram novos caminhos através da pintura, do desenho, da gravura e da escultura. O Rio Grande do Sul entrou neste movimento com a mostra *Oi Tenta*<sup>4</sup>, realizada, em 1985, na Galeria Artefacto, recém-inaugurada. Ocorreu, naquele momento, uma expansão do circuito artístico com uma produção variada e de mais baixo custo que atendia aos interesses do mercado de arte local, que se expandia velozmente com a criação de galerias como Cambona, Bolsa de Arte, Artefacto, Tina Zappoli, entre outras. Além disso, surgiu uma série de novos e jovens colecionadores regionais<sup>5</sup>. Os artistas que emergiram nesse período, na sua maioria, continuam ainda hoje atuantes na cena local e nacional. Buscando articulações internacionais, estabeleceu-se uma importante conexão com países platinos, através dos Encontros de Arte Latino-Americana (1989, 1990, 1996), promovidos pelo Instituto de Artes Visuais da Secretaria de Cultura do estado. O Atelier Livre da Prefeitura também mobilizou, iniciando, a partir de 1986, o Festival de Arte Cidade de Porto Alegre. Este se realizava anualmente no mês de julho, com workshops, palestras e exposições que oportunizaram a vinda de artistas comprometidos com a arte contemporânea, Anos de grande expansão do circuito artístico no Rio Grande do Sul, esse período preparou as mudanças que se introduziram posteriormente.

Foi na década de 1990, com a criação do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS (1991), do Museu de Arte Contemporânea (1992) e da Bienal do Mercosul (1997), que uma produção mais radical encontrou respaldo institucional para se consolidar e expandir no ecossistema<sup>6</sup> da arte local. O PPG Artes Visuais da UFRGS contribuiu enormemente para fortalecer o debate sobre arte contemporânea, bem como a reflexão dos artistas sobre seus próprios processos criativos. O Programa

---

4 Entre os jovens: Dione Veiga Vieira, Élide Tessler, Fernando Limberger, Lia Menna Barreto, Luiza Meyer, e Maria Lúcia Cattani.

5 Conforme Nei Vargas da Rosa, em sua pesquisa de doutorado sobre colecionadores de arte contemporânea no Brasil, defendida no PPG Artes Visuais da UFRGS, aproximadamente 21% dos entrevistados iniciaram sua coleção nos anos 1980.

6 FETTER, Bruna. Das reconfigurações contemporâneas do(s) sistema(s) da arte. Unicamp, *Revista Modos*, v. 2, n. 3, 2018.



formou, além de artistas engajados na arte contemporânea, em seus procedimentos e estratégias, uma complexa gama de profissionais qualificados que passaram a atuar em vários espaços como curadores, montadores, galeristas, monitores, diretores de museus etc. O MACRS, mesmo sem uma sede própria, sem reserva técnica e pessoal permanente, conseguiu abrir espaço para grandes exposições, trazendo artistas consagrados no âmbito nacional e oferecendo aos artistas locais a possibilidade de participar em um leque de mostras bastante amplo e diversificado, dinamizando a cena de arte e, através dessa política, construindo seu acervo. A Bienal Mercosul, com sua magnitude e verbas disponibilizadas, fez fervilhar o pacato e provinciano meio de arte local. Inúmeros e importantes artistas nacionais, latinos e internacionais circularam com suas obras e seus projetos, ampliando horizontes e possibilidades de trabalho para diversos profissionais da área.

Neste contexto, buscando fortalecer posições mais experimentais e ousadas, surgiram coletivos de artistas, com espaços próprios ou reunidos especialmente em torno de projetos, como Torreão (1993), Arte Construtora (1992) e Remetente (1998). Também se consolidou uma crítica de arte engajada nas poéticas da contemporaneidade, a maioria oriunda do PPG Artes Visuais da UFRGS, responsável por publicações e curadorias que dinamizaram a cena local. O tradicional Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS, abriu a Sala João Fahrion, destinada especialmente a jovens artistas.

A partir dos anos 2000 a arte contemporânea em termos locais se tornou hegemônica. Várias estratégias, como projetos e ateliês coletivos, locais de exposição, alternativos, grupos temporários de atuação ou espaços de coworking, foram desenvolvidas, buscando criar alternativas para essa produção que se multiplicava, evidenciando diversos perfis, tais como as galerias Ecarta, Subterrânea e Península, Acervo independente, Planta Baja, Barraco Cultural, Casa Baka, PaxArt, Estúdio Híbrido, Projeto Areal etc. Algumas instituições comprometidas com a difusão da arte contemporânea se inauguraram, como o Santander Cultural (2001), o espaço da Fundação Iberê Camargo (2008) e o Instituto Ling (2014). Estes novos lugares de arte privados, juntamente com os já existentes, públicos e privados, trouxeram importantes mostras nacionais e internacionais e abrigaram exposições de artistas locais, além de desenvolverem outras importantes atividades na difusão da arte contemporânea, como palestras e cursos, oferecendo residências e bolsas para jovens talentos.

A produção artística no meio local, a partir dos anos 2000, evidencia diferentes concepções e formulações estéticas. A videoarte tomou grande impulso, recebendo mostras específicas e também se integrando em grandes coletivas, estimulando uma rica e criativa produção. A fotografia, que já vinha se impondo, encontrou seu espaço e se abriu para formas mais complexas, difíceis de classificar, que se impuseram de forma

definitiva no panorama da arte. Mesmo a gravura, de trajetória bastante tradicional no estado, alcançou novos voos, tanto em termos técnicos como em experiências híbridas, que fogem aos processos mais conhecidos. A pintura, que sempre teve preponderância no meio local, abandonou suportes tradicionais, alçou-se no espaço, incorporou novos materiais, imbricando-se com outras categorias, como desenho e escultura. Objetos e temáticas do cotidiano adentraram os espaços consagrados da arte, com propostas bastantes dessacralizantes. A escultura se desdobrou em objetos e instalações, fugindo às suas práticas consagradas no Rio Grande do Sul. E, finalmente, a performance, possivelmente a mais radical das experiências da contemporaneidade, passou a integrar o rol das práticas artísticas, com preponderância da participação feminina. Questões sociais de gênero e de etnias, com abordagens críticas, encontraram abrigo onde antes não eram aceitas, de forma que a diversidade, a contaminação e a inclusão passaram a ser possibilidades de pensar a realidade atual. Assim, nas ambiguidades da arte contemporânea e na amplitude de trabalhos, é possível dizer que hoje temos no Estado um ecossistema da arte, que, superando com grandes esforços suas dificuldades, procura estabelecer diálogos com a sociedade através de inúmeras experiências e estratégias.

O MACRS foi o primeiro entre outros museus de arte contemporânea fora do centro hegemônico que surgiram no panorama nacional na década de 1990, tal como o MAC Niterói (1996) e o MAC Ceará (1999). Havia, no Estado, naquele momento, bastante resistência em relação a essas práticas, de forma que o museu foi criado mais como um projeto e um desejo do que como uma realidade. Em decorrência disso, provavelmente, não lhe tenha sido disponibilizado um lugar específico, sendo alocado na Casa de Cultura Mario Quintana, onde dispõe de duas galerias e um espaço administrativo. Depois disso, várias tratativas para obter instalações mais adequadas para o desenvolvimento de suas funções foram realizadas, sem que até hoje tenha sido efetuada sua transferência para uma sede própria. Mobilizações foram conduzidas pela comunidade intelectual e artística da cidade sem que a situação se resolva, o que de certo modo evidencia um desinteresse em relação à arte contemporânea, ainda pouco compreendida e aceita pela sociedade rio-grandense.

Às vésperas de completar trinta anos, o MACRS chega a sua maturidade enquanto instituição de arte, dando especial atenção ao seu amplo e diversificado acervo, através de duas frentes de trabalho. A criação do Arquivo Bibliográfico e Arquivístico Joel Fagundes, destinado a disponibilizar sua rica coleção documental para pesquisadores e demais interessados, e a cuidadosa e completa revisão do seu acervo, com fotografias e digitalização de todas as suas obras. Essas duas ações colocam o MACRS no rol das instituições de pesquisa de arte contemporânea no País.

Completando este processo de difusão de informações, realiza a publicação deste Catálogo completo de suas obras, impresso e on-line (em um site criado especialmente para isso<sup>7</sup>), um material fundamental para artistas, público em geral e pesquisadores em especial. Outro passo importante na superação das dificuldades originais do Museu é a recente obtenção de uma sede própria, em prédio a ele designado em 18/7/2019, por processo administrativo do governo do Estado, na rua Comendador Azevedo, 256, no 4º Distrito, dentro do movimento de revitalização dessa área urbana. A comunidade artística local acompanha entusiasmada essas grandes mudanças.

### **Estrutura da mostra**

Realizar esta curadoria envolveu duas grandes e diferentes empreitadas. Primeiro, participar na revisão completa da tabela de obras, com fotos e dados técnicos, em que Vera Pellin (coordenadora do projeto), André Venzon (diretor do MACRS) e eu, coordenamos uma competente equipe de pesquisa<sup>8</sup>. Segundo, realizar uma análise do acervo, buscando definir seu perfil e tendências dominantes para propor curadoria para a exposição de lançamento do seu primeiro Catálogo de Obras. Debrucei-me sobre uma produção dominada pela pluralidade de possibilidades e de artistas. O acervo está totalmente interligado às exposições que estruturam a trajetória do Museu, uma vez que a principal estratégia adotada, desde sua criação, foi a realização de mostras para estimular a doação de obras por parte dos artistas. Este é um processo democrático e inclusivo, que algumas vezes se evidencia problemático pela diversidade e mesmo contradições que se estabelecem na coleção que vai sendo construída. Além deste recurso, também foram realizados projetos para conseguir apoio financeiro para a compra de obras, como foi o caso da obtenção de dois Prêmios Marcantonio Vilaça da Funarte<sup>9</sup>. Um terceiro modo de enriquecimento da coleção foi a doação de particulares, como André Venzon, Delson Luiz Martini, Gilberto Habib, Renato Rosa e Roberto Schmitt-Prins, ou de empresas, como, Itaú Unibanco S/A e Wolens Empreendimentos Imobiliários. Em decorrência dessa sua história, o acervo é bastante heterogêneo, atendendo a possibilidades, interesses e circunstâncias de cada momento.

Como resultado de exposições, evidenciam-se as posições pessoais e profissionais de seus curadores. Gaudêncio Fidelis, primeiro diretor do MACRS, a ele se deve o núcleo original da coleção, que evidencia uma abertura para nomes de destaque na

---

7 [8-acervomacrs.com](http://8-acervomacrs.com)

8 Caroline Ferreira, Luiz Felipe Schulte, Quevedo, Nina Sanmartin, Malena Mendes, Mirele Pacheco e Kailã Isaías.

9 Este prêmio é destinado especificamente para a aquisição de obras para instituições museológicas. O MACRS obteve duas vezes recursos deste fundo, primeiro em 2010/12 e segundo em 2013/14.

arte contemporânea nacional, elencados no *Ciclo de Arte Brasileira Contemporânea. O olhar contemporâneo: descentramento e posição*, que reuniu 57 artistas. Essas duas mostras marcam a origem da coleção a partir de objetivos bastante ambiciosos, com estímulo para que, além desses, outros artistas também doassem obras para a instituição que se inaugurava. Nesta linha de atuação, em que as exposições individuais e coletivas constituíram a principal estratégia na formação do acervo, as curadorias orientaram sua estruturação. Para isso, o museu contou com a participação de vários críticos, artistas e pesquisadores em que, em uma lista sucinta, se destacam: Ana Albani de Carvalho, Ana Zavadil, Andre Venzon, Bianca Knaak, Blanca Brites, Bruna Fetter, Benhur Bortolotto, Cris Rocha, Eder Chiodetto, Eduardo Veras, Flavio Gonçalves, Graziela Salvatori, Henrique Menezes, José Francisco Alves, Katia Canton, Kika Levy, Laura Castilho, Marilice Corona, Milton Couto, Neiva Bohns, Nilza Herthel, Paula Ramos, Paulo Gomes, Sandra Rey, Walter Karwatzki, Vera Chaves Barcellos, Marcelo Gobatto e Bernardo José de Souza, estes dois últimos sendo os principais responsáveis pela coleção de videoarte.

Apartirdestetodo, elenqueiartistasquese caracterizam porsua representatividade e sua contribuição inovadora no meio local, buscando perceber seus diálogos com a cena nacional e internacional. Alguns nomes bastante importantes não estão presentes por não terem obras significativas na coleção do Museu, o que aponta para a necessidade de futuras políticas de consolidação do acervo, cobrindo essas lacunas. Considerando que esta mostra tem por objetivo dar a visibilidade ao acervo, destacando aspectos de sua constituição, selecionei artistas e obras em quatro grandes grupos. O primeiro acolheu trabalhos dos anos 1970 e 1980, que, como já vimos acima, foi o momento em que, de forma lenta e gradual, a arte contemporânea se introduziu no Rio Grande do Sul. Nele estão Carlos Pasquetti, Carlos Vergara, Carlos Fajardo, Cildo Meireles, Frantz, Karin Lambrecht, Luiz Carlos Felizardo, Maria Lidia Magliani, Milton Kurtz, Romanita Disconzi e Vera Chaves Barcelos. O segundo grupo abrange os anos 1990, quando esta produção começou a se consolidar no meio local, com o apoio de novas instituições, nele estão ngelo Venosa, Felix Bressan, Irineu Garcia, Lia Menna Barreto, Lenir de Miranda, Maria Lucia Cattani, Nuno Ramos e Patrício Farias. A maioria desses artistas continua com intensa atuação nos anos 2000, e o que se observa, no entanto, é que no acervo se encontram poucas obras de representação deste período anterior tão importante, quando a arte contemporânea buscava se impor no sistema da arte local, em um momento de difícil recepção. O terceiro grupo, corresponde aos anos 2000, momento em que estas práticas se tornam hegemônicas e quantitativamente fortes, espalhando-se e se diversificando no panorama artístico, um período mais complexo, quando a coleção se abre para múltiplas frentes. Destaquei os trabalhos de Alfredo Nicolaiewsky, Andressa Cantergiani, André Severo e Maria Helena Bernardes (Arquivo

Areal), Carla Borba, Clóvis Dariano, Denise Gadelha, Eduardo Haesbaert, Eduardo Kac, Elaine Tedesco, Élle de Bernardini, Gisela Waetge, Gelson Radaelli, Gil Vicente, Gonzalo Mezza, Helio Ferverza, Ío (Laura Cattani e Munir Klamt), Jorge Menna Barreto, Lenir de Miranda, Leon Ferrari, Lucia Koch, Maristela Salvatori, Nelson Leirner, Paulo Nazareth, Rafael Pagatini, Regina Silveira, Rodrigo Braga, Rômulo Vieira Conceição, Romy Pocztaruk, Rochelle Costi, Rosângela Rennó, Sandra Rey, Sandro Ka, Teresa Poester, Têti Waldraff, Túlio Pinto, Xadalu, Yuri Firmeza e Walmor Corrêa. O fato desse período apresentar maior representatividade dentro do acervo evidencia a consolidação da arte contemporânea e sua força no panorama local. No quarto grupo estão produções de videoarte que ocupa uma sala especial, contando com a participação de Alberto Semeler, Alex Topini, Ana Norogrande, Claudia Paim, Dirnei Prates, Luis Roque, Isabel Ramil, Luiz Roque, Marina Camargo, Marion Velasco, Nelton Pellenz, Paulo Bruscky e Shirley Paes Leme. Esta produção, quase toda ela dos anos 2000, mostra como essa nova modalidade artística se fortaleceu em termos locais nos últimos tempos. Pode-se observar na mostra a presença de novas categorias artísticas, como as instalações, que criam espaços de interações físicas com os espectadores, permitindo-lhes circular em torno e dentro da obra. Alguns trabalhos, mesmo não sendo instalações no senso estrito do termo, alteram a percepção dos ambientes, expandindo-a em vários sentidos. Nessa busca de novas relações eles atualizam as práticas tridimensionais com interferências visuais e sensoriais que envolvem o lugar e os seus visitantes. Os registros de performance, em geral fotografias ou vídeos, trazem a memória dessas atividades-acontecimentos, efêmeras e fluidas, como vestígios da radicalidade de momentos performáticos. Os livros de artista estão representados na mostra como testemunha de sua importante presença no acervo desta instituição, assim como as produções envolvendo tecnologias digitais, que marcam a emergência dessas práticas no meio artístico local. Encontra-se, ainda, o arquivo, conjunto de documentos, muito significativos para a compreensão da arte contemporânea. Chama atenção a maneira como algumas obras dialogam com a paisagem, instaurando diferentes possibilidades de pensarmos nossas relações com o entorno, seja na abordagem das visualidades naturais ou urbanas. Esses novos enfoques perdem o caráter contemplativo da tradição paisagística para colocar em cena olhares mais poéticos e instigantes, propondo fragmentações, distorções e outras abordagens, como se o artista conduzisse nosso olhar por lugares desconhecidos de nosso próprio entorno. Certas obras investigam os universos não hegemônicos, como o feminino, o negro, o indígena ou o marginal, procurando instaurar no sistema da arte a crítica e os debates de gênero, etnias e relações sociais conflitantes. O corpo é forte presença, colocando em pauta aspectos reprimidos da sexualidade. Percebe-se, em alguns casos, o estranhamento capturando a atenção do espectador, gerando questionamentos; seja pela incorporação de objetos e materiais pouco convencionais, ou de signos da cultura

de massa, ou somente pela criação de relações inusitadas entre elementos aos quais estamos expostos cotidianamente. Utilizei estas observações para estabelecer laços e inter relações entre as obras, de modo que relação com todas essas problemáticas fizeram presença na exposição, pois a variedade de linguagens e abordagens expressa a complexidade e diversidade da produção artística contemporânea presente no acervo do MACRS.

Para fazer essa difícil seleção, levei em conta as limitações do espaço expositivo nas duas galerias e do hall que totalizam o espaço do sexto piso na Casa de Cultura Mario Quintana. Na montagem, evitei manter o critério cronológico que usei na seleção dos artistas e das obras, rompendo com a organização temporal dos grupos para estabelecer dinâmicas que interligam as obras a partir de diálogos que se estabelecem entre elas. A expografia ficou por conta da arquiteta Carla D'Avila, com quem pude ter uma nova e rica experiência, uma vez que todo o planejamento foi feito online em um trabalho conjunto, meu e dela; a equipe de montagem recebeu o projeto pronto para trabalhar e no momento de colocar as obras em seus lugares poucas mudanças foram necessárias. Ao sugerir proximidades entre as obras, coloca-se para o espectador o desafio de descobrir relações e criar seus próprios caminhos de fruição. Em seu conjunto, a exposição é um convite a essa reflexão e, para aceitá-la, é preciso estar aberto às novas experiências que nos traz.

## Referências

- ALBANI, Ana Albani de Carvalho (coordenação e curadoria). A medida do gesto . Catálogo da exposição. Porto Alegre: MACRS, 2012.
- BRITES, Blanca; CATTANI, Icleia; BULHÕES, Maria Amelia; GOMES, Paulo. 100 anos de Artes Plásticas no Instituto de Artes da UFRGS. Porto Alegre: EDUFRGS, 2012.
- BULHÕES, Maria Amelia. Arte Contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: C/Arte, 2019.
- CATÁLOGO GERAL. Museu de Arte do Rio Grande do Sul (organização Raul Holtz). Porto Alegre: MARGS, 2113.
- FETTER, Bruna. Das reconfigurações contemporâneas do(s) sistema(s) da arte. Unicamp, Revista Modos, v. 2, n. 3, 2018.
- GOMES, Paulo (org.). Artes Plásticas no Rio Grande do Sul. Uma panorâmica. Porto Alegre: Museu de Arte Contemporânea, IEL, Corag, 2002.

O TRIUNFO DO CONTEMPORÂNEO. 20 anos do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Santander Cultural, 2012.

RAMOS, Paula. MACRS: 21 anos de conquistas, muitas crises e permanentes indefinições. In: XXXIII Colóquio CBHA 2013 – Arte e suas instituições. 2013.

**Como citar:**

BULHÕES, Maria Amelia. MACRS: uma experiência de visibilidade da coleção. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 333-343, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.025>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>